

O DIA 21 DE JUNHO DE 1974

O dia 21 de junho é uma data redonda e comemorativa em minha vida. É quando completo exatos cinquenta anos da formatura em arquitetura e urbanismo pela FAU Braz Cubas de Mogi das Cruzes, formação universitária que moldou a minha vida e carreira profissional. Iniciei o curso em 1970 após fazer um vestibular fora de época que acabou por complicar os calendários escolares dos anos seguintes. Terminamos o curso ao final de fevereiro de 1974, levantei acampamento da “república” onde morava em São Paulo e voltei correndo para Franca.

Durante os quatro anos (foi um dos poucos cursos de arquitetura com essa duração, as turmas seguintes já foram com cinco anos, como até hoje) do curso, morei dois anos em Mogi das Cruzes e dois em São Paulo. Os anos de Mogi foram aquela espécie de descoberta da vida adulta, um “turning point” marcante. Na época, para um francano como eu, a cidade era cinzenta, feia, fria, suas ruas estreitas com casas coloniais no alinhamento e novas construções sem graça, o constante nevoeiro de uma cidade às margens do caudaloso e mítico Rio Tietê era o oposto da Franca ensolarada e luminosa onde vivia até então, com suas novas e largas ruas e avenidas e modernas fábricas.

Mogi era pouco maior que Franca e se preparava para um salto que a transformaria radicalmente. De um lado, com a instalação de duas universidades (OMEC e Braz Cubas) aproveitando a política de incentivo à privatização do ensino universitário implementada pela ditadura militar, de outro um Plano Diretor que deixava espaço para a instalação das universidades e um centro cívico com muitas instalações governamentais, desafogando a congestionada área central, acoplado a um movimento de interligação viária com rodovias que a ligariam à Via Dutra e ao litoral norte do estado.

Sua localização na ponta da empobrecida zona leste da região metropolitana era atendida por trens de subúrbio da Central do Brasil, mas a única ligação rodoviária era pela antiga estrada Rio-São Paulo, que começava na Avenida Celso Garcia no centro da capital e cruzava toda a zona leste da metrópole. O Plano deu certo, hoje Mogi das Cruzes é completamente diferente, vibrante, movimentada. As desigualdades sociais já presentes em sua periferia, no entanto, persistem.

O fato é que terminei a faculdade mas não podia assinar documentos técnicos sem a carteira do CREA, o reconhecimento do curso atrasou. Com um termo de conclusão, comecei a lecionar nas Faculdades Pestalozzi e a trabalhar na empresa de engenharia do arquiteto Ary Balieiro, até que na noite de 19 de junho recebi telefonema do Osias Gelbert, meu amigo e parceiro de república avisando que a formatura seria no dia 21 de junho à noite.

As lembranças daquela noite memorável não são muitas. Tive que correr para comprar passagem de ônibus para São Paulo e viajei sozinho no dia 21 pela manhã, à tarde encontrei com Atalie (que estudava em SP) e a futura madrinha Fernanda Zuliani na rodoviária da capital e fomos de ônibus para Mogi. Chegamos por volta de 19h, comemos um lanche rápido e fomos para o gigantesco Cine Avenida (hoje é uma igreja evangélica), onde haveria a solenidade de formatura. Ao entrar, fui advertido que deveria usar paletó e gravata, mas não os tinha, estava com uma blusa de frio e camisa com gola cacharrel. Alguém me emprestou um paletó xadrez e fui para o palco, onde nos sentamos em ordem alfabética, fiquei na última fileira.

Aconteceram discursos, mas não lembro uma palavra do que foi dito. Depois chamaram um a um para a entrega do moderno diploma criado pelo nosso professor e artista Cláudio Tozzi, é diferente de tudo que vi em matéria de diploma, geralmente cheios de arabescos e letras góticas. Pronto, estávamos formados e autorizados a iniciar de fato o exercício profissional. Terminada a cerimônia, saímos em disparada para pegar o último ônibus de volta para São Paulo. Estava pronto para iniciar a grande aventura.

Mauro Ferreira é arquiteto